

# SAHLINS, Marshall. *Esperando Foucault, ainda*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. 112 P.

**Diogo Neves Pereira**

Graduando do  
Curso de Ciências  
Sociais / UFMG

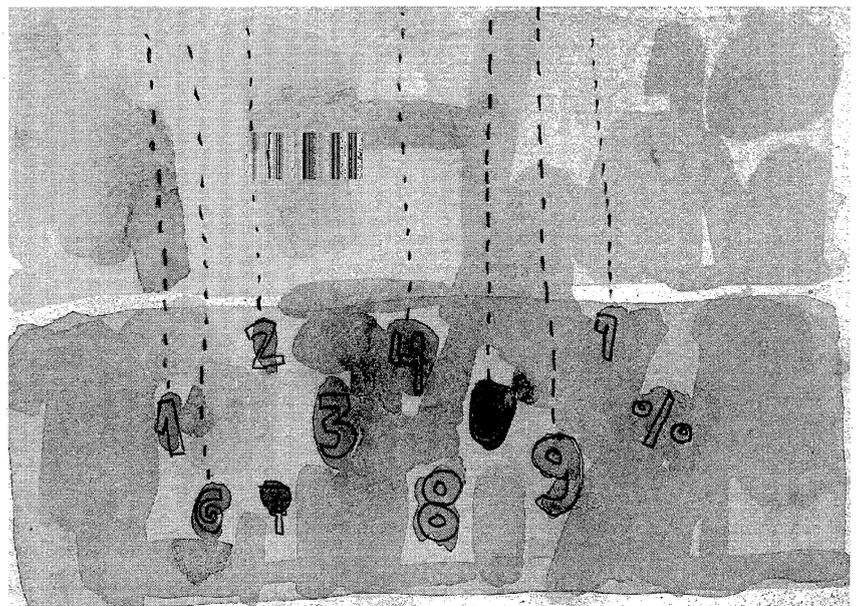
Integrante do *Department of Anthropology da University of Chicago*, Marshall David Sahlins é ordinariamente encontrado nas disciplinas de antropologia contemporânea dos cursos de graduação no Brasil alocado sob a temática "estrutura e história". Parte considerável de sua obra foi traduzida para o português, sendo as mais conhecidas dos leitores brasileiros *Cultura e Razão Prática* (1979) e *Ilhas de História* (1990) - ambas publicadas pela Jorge Zahar Editor. Recentemente, mais precisamente no ano passado, a Editora UFRJ lançou também *Cultura na Prática* (coletânea de artigos com a qual Sahlins realiza algumas conexões textuais literais). Nota-se, em boa medida, que seus escritos são amplamente reconhecidos pela genialidade e bom humor.

Pensado originalmente para ser apresentado após um almoço na IV Conferência Decenal da Associação de Antropólogos Sociais da *Commonwealth, Oxford*, em julho de 1993, *Esperando Foucault, ainda* - que ganhou o "ainda" após algumas revisões - é um rico livro para ser destrinchado com calma e atenção. Nele, a idéia é apresentar "uma seleção de comentários rabugentos a propósito de coisas que estão em voga na antropologia de nossos dias e provavelmente não deveriam estar" (p.3). Carregada do início ao fim com uma crítica ácida e contundente aos usos e abusos dos antropólogos contemporâneos, a obra de uma só vez diverte e alerta. Pós-estruturalistas, pós-modernos, ou, mais cá entre nós, antropólogos engajados - dentre outros - são lembrados e inquiridos pelo autor.

Foucault não é alvo único e direto das bravatas, mas como principal influenciador de um certo grupo de acadêmicos hodiernos, acaba por ganhar maior destaque. Não se trata de avaliar nomes, mas posturas.

Aparentemente displicente e com uma sistematicidade capaz de horrorizar qualquer cientista social mais rigoroso, o argumento de Sahlins, embora curto, é sedutor e fatal. Se não comove pela contundência, incomoda pela perspicácia. Para a disciplina que sempre se debateu com o cientificismo, uma crítica poética e (i)responsável.

No último excerto, encontramos narrada a queda do período de hegemonia política de Atenas sobre o mundo helênico e circunvizinhanças. Em alguma época de sua história, a cidade, símbolo de democracia, exercia com vigor a tirania dentro e fora dela. Atenas controlava amplos territórios, mas não pela violência; constituía ela um império de signos, no qual sua força era demonstrada e, por meio da exibição de seu poder, amedrontava e aquietava inimigos e subalternos. Mas a exposição do próprio poder era cada vez maior, e maior, até que se perdeu. A manutenção da glória interna requeria a obtenção de crescentes recursos e o investimento de forças cada vez superiores, o que só aumentava a humilhação e a revolta dos adversários. E isso até que a dominação produziu sua própria corrosão e com ela sublevoou-se o medo ateniense da retaliação. Tucídides registrou tudo isso acreditando que estes fatos, por tenderem à repetição, poderiam servir, no futuro, de lição a al-



guém.

Metáfora ou profecia para o colosso norte-americano? Em que mundo isto é possível? E em que participa a antropologia? Sahlins traça algumas linhas.

O pivô das críticas do autor é, seguramente, a transformação do conceito de poder numa panacéia - pelo menos para os males teóricos em antropologia. A tradição de autores da qual Foucault é o maior expoente formada por pensadores como Gramsci, Nietzsche e Althusser, via uma perspectiva totalizadora da realidade social, fariam com que o poder fosse capaz de explicar tudo.

A noção fundamental de confronto permanente entre indivíduo e sociedade, que remonta à Grécia clássica - haveria acabado por encontrar ressonância ao longo da história e, mais do que isto, ainda viveria nas noções foucaultianas de poder. Neste ponto de vista, o que existe são apenas sujeitos coagidos por uma ordem maior. Da antiguidade à modernidade, o dualismo indivíduo/sociedade passa a ser cada vez mais uma problemática moral (ou moralista), mas a novidade do projeto moderno seria pretender dissolver um dos aspectos no outro. Ou não há sociedade, mas apenas vontades individuais; ou não há indivíduos, mas apenas epifenômenos da totalidade superior. No pensamento de Michel Foucault, as estruturas se tornam "efeitos instrumentais de disciplina e controle", ou seja, mera função de uma ordem funcional não explicitada. Como efeito de um poder que está em tudo, o "discurso" foucaultiano se torna a versão atualizada da clássica entidade social super-orgânica. Nessa mesma linha, de um modo geral, os adeptos da visão de cultura como entidade super-orgânica ("leviatologia", tal como denominada por Sahlins) concebem que a contribuição de cada sujeito ao todo é extremamente pequena. Daí que, eliminadas as estruturas, as instituições, o caminho que nos resta é retornar ao sujeito que se projetava eliminar. Cai-se assim numa busca incansável por sujeitos que, ao fim e ao cabo, personificam estetizadas super-entidades-culturais - o que Sahlins chama de "subjetologia". E esse é todo o drama. Mas como se não bastasse, a louvável busca por eliminar um dos lados da querela (hegemonia absoluta do sujeito ou da estrutura) acaba sempre por alimentar o outro.

Em Foucault, o poder está, portanto, espalhado na vida social, criando corpos e verdades. Nos seus termos, o caso é que "aqui [na visão panocrática foucaultiana de poder] encontramos um poder tão irresistível como ubíquo, um poder que emana de toda parte e invade a todos, saturando as coisas, relações e instituições cotidianas da existência humana, e que se transmite assim para os corpos, percepções, saberes e disposições das pessoas" (p.87). A isso se some a derivação desta perspectiva a profundas estruturas cosmológicas do Ocidente nas quais o homem é entendido como possuidor de uma falta inextinguível; sem falarmos do erro, da culpa,

da maldade, do egoísmo, etc. Como diria a canção, "nesse mundo de fome e de guerra, o santo da terra tem calo na mão"! Mesmo que a economia tenha vindo se aproveitar disso e facilitar a busca da satisfação humana - valorizando o que antes era desvalorizado -, ainda assim o homem necessitado de repressão continua no palco principal. Só que agora encenando um papel diferente. Como oportunamente grafou Sahlins em outra ocasião: "Tudo se passa como se esperássemos por Foucault. Em sua visão sombria da sociedade como um sistema totalizado de poder coercitivo, Foucault aparece como o profeta moderno da antropologia hobbesiana-cum-judaico-cristã" (SAHLINS, 2003 p. 143).

Tendo como pano de fundo a tese de Thomas Kuhn acerca da "estrutura das revoluções científicas", Sahlins afirma que, ao contrário do que ocorre nas ciências naturais, em que um paradigma é abandonado quando já não consegue mais explicar suas anomalias, nas ciências sociais eles seriam desdenhados ao começarem a tudo explicar. Não seria então o caso de se abandonar a abordagem geneticamente ligada a Foucault do poder enquanto síntese explicadora do mundo e do além? Para que continuar trabalhando com uma matriz entendiante que já nos dita de antemão o final da história?

Numa outra direção, *Esperando Foucault*, ainda põe em questão a popular prática acadêmica de dispor cuidados para com as culturas dos "explorados", no desejo de que estas não sejam afetadas - o que implicaria em negar a condição de agência aos desqualificados. Segundo Sahlins, por meio de um englobamento do outro nas categorias do mesmo - atitude muitas vezes mais eficiente que posicionamentos políticos de oposição - os colonizados locais subverteriam as fundações da ordem global. Associado a isto, o autor expõe o relativismo enquanto um preceito metodológico que coloca as práticas culturais nos campos da cultura e da história e não como preceito moral a igualizar o mundo.

Em meio a este turbilhão (ou seria uma brisa?) de equívocos espalhados pelo senso comum antropológico, se observaria que a mediocridade e o medo invadiram os cursos de (pós)formação de antropólogos. O discurso da impossibilidade de se pesquisar a realidade haveria implantado nos estudantes o temor de estarem "construindo o Outro" por meio de seus estudos; o que faz com que qualquer tipo de análise (que não seja do tipo auto-reflexão) seja percebida como inadequada. A pós-modernidade paralisa os estudantes pelo receio de essencializarem a cultura e, desse modo, essencializa a desordem das culturas.

Além disso, rondaria a todos o perigo de oferecer um tratamento assimétrico no que tange às questões relativas às mudanças culturais. A crítica politicamente correta questiona a "invenção da tradição" realizada por movimentos de valorização da cultura nos países de terceiro e quarto mundos, ditos inautênticos e comprometidos com interesses políticos. Contudo, o

que não é percebido de forma negativa é o fato de que a memória civilizacional européia está marcada por um amplo processo de resgate da tradição grega durante o movimento renascentista. Sendo assim, no âmbito da "invenção das tradições", para os comentaristas mais desavisados, a dissimetria posta é que quando se trata dos europeus, o que ocorre é progresso; já quando se trata de outras sociedades, o que ocorre é aculturação. Primo deste, outro perigo consistiria na perspectiva que busca explicações de por que determinadas culturas não desenvolveram práticas específicas - em especial por que não se tornaram européias (e capitalistas). Mas, com outros critérios, não se pergunta por que a Europa não se modificou; afinal, é ela o topo da linha.

Sobre a importante contenda em antropologia acerca da polifonia de seus estudos, Sahlins pontua que, ao contrário do que conceberiam os pós-estruturalistas, a diversidade de vozes (pontos de vista) numa organização social não implica nem que ali há caos, nem que não se possa pensá-la. A multiplicidade demanda sim uma relação entre diferentes. E para se questionar a composição analítica proposta acerca de tal ou qual estrutura social seria necessário haver anteriormente algum tipo de horizonte de entendimento. Diz ele que "por polifônica e heteroglósica que possa ser uma monografia, não se encontra uma voz japonesa em uma etnografia dos índios Sioux. Para que as categorias possam ser contestadas, é preciso haver um sistema comum de inteligibilidade, estendendo-se às bases, meios, e tópicos do desacordo. As diferenças em pauta, além disso, implicam alguma relação" (p. 36).

Para além das críticas e das denúncias, um dos sentidos mais fortes desta obra é arquitetar uma defesa do conceito de cultura, atualmente tão agredido e vilipendiado. Primeiramente, alguns cogitaram que, na medida em que os antropólogos não conseguiram se entender acerca dele, o melhor seria abandoná-lo. No entanto, Sahlins questiona, sob este prisma, o que dizer acerca do conceito de dinheiro. Igualmente incoerente, histórico, artificial, indeterminado mesmo por parte dos nativos, possuidor de várias definições e comprometido politicamente, nem por isso as ciências econômicas o abandonaram ou pediram a ela que o fizesse. Dever-se-ia conceder ao conceito de cultura o mesmo tratamento que se dá ao de dinheiro. Oras! O fato de todo mundo usá-lo da forma que bem entende não sacrifica a antropologia, do mesmo modo que não sacrifica a sociologia os diferentes usos de "social", a filosofia os de "filosofia" ou a economia os de "economias".

E não é só. Uma certa crítica pós-estruturalista acusou a impossibilidade do uso

do método etnográfico entendendo que as culturas estão sempre em transformação. Existiria, de acordo com este olhar, uma arbitrariedade na definição das verdades. Entretanto, a reflexão acerca da dissonância entre as percepções ocidental e japonesa em torno da permanência ou transformação do santuário imperial em Ise nos sugeriria que, "em todo caso, é óbvio que a identidade é uma construção relativa, baseada em uma valoração seletiva de similaridades e diferenças" (p. 13-14). Então, qual seria o problema?

Outra resposta a ser dada diria respeito à censura dirigida àqueles (inclusive a ele, o próprio Sahlins) que fazem uso de conceitos tais como os de "estrutura" ou "cultura" para analisar sociedades: esses teóricos essencializariam os povos e negligenciariam a fragmentariedade da ordem. Nesse contexto de disputa, os discursos da boa-vontade e do politicamente correto seriam compreendidos como aqueles que carregariam o melhor argumento. O triste é que os pós-modernos se sujeitariam a valorizar a posição política de discursos contra-hegemônicos outros, ao mesmo tempo que conceberiam a sua própria como resultado de uma ordem totalizadora essencializada e monolítica.

Não se pode deixar de ressaltar também o feliz e inteligente humor com que as linhas vão se completando ao longo da leitura. Especialmente as bem articuladas ironias (daquelas que impelem ao iniciante uma segunda leitura sob o imperativo de não alcançar a compreensão da sentença) fazem do texto uma constante descoberta de não-ditos escamoteados por detrás de bobas aparências - sobretudo com as piadas despreziosas postas após os travessões. Sem nos esquecermos daquelas que encerram os parágrafos.

Temperando estas e outras considerações, o texto se vale de aforismos vários e, nesse sentido, se faz um aforismo só - o que torna sua apreensão extremamente instigante.

Certamente, no plano da antropofagia teórica tão comum nas ciências sociais de um modo geral - e na antropologia em especial -, o desbravamento de *Esperando Foucault*, ainda é um prato cheio para aqueles que arriscam em perder o chão, ou o *status*. Ainda que nas palavras do autor estejamos diante de "uma seleção de comentários rabugentos", a obra explicita mais claramente o projeto de Sahlins de produzir uma antropologia ao mesmo tempo lúcida de suas conseqüências política e de suas opções teóricas; o que inevitavelmente aciona reflexões dirigidas para o *métier* de seus pares. Sem sabermos ainda ao certo qual *será* seu impacto no Brasil (ou mesmo se existirá algum - será?), é oportuno dizer por ora que esta é uma ótima e rápida leitura para se fazer entre as refeições.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAHLINS, Marshall. "A Tristeza da Doçura: A Antropologia Nativa da Cosmologia Ocidental". Revista *Teoria & Sociedade*, n. 11.2, 2003.